O Estado de São Paulo
Suplemento Literário
11/2/64
Supler

Todos os artigos publicados neste Suplemento são originais e de responsabilidade exclusiva d
por acaso remetidas ainda quando não aproveitadas. A pub

ARTE

BRASILEIROS EM PARIS

José-Augusto França

Em 1963, brasileiros de Paris, ou por aqui de passagem, realizaram três exposições que entraram na conta-corrente da temporada com valores sem dúvida positivos que convém assinalar.

Representados, alguns, num ou noutro salão anual, a galeria "du XXe. siècle" teve a idéia de reunir sete num grupo que permitisse uma visão de conjunto. Grupo ocasional, por comodidade de exposição, estes sete artistas (Krajcberg, Flavio Shiro, Piza, Liouba, Sonia Ebling, Luisa Miller e Sergio de Camargo, dois pintores, um gravador e quatro escultores), definem caminhos individuais que fazem uma unidade estetica permite aproximar. E bom é que assim seja, para alguém de qualquer desejo de classificação "nacional" ingenuamente apressado. O seu conjunto não é mais do que informativo e a visão procurada de modo algum tomou responsabilidades de síntese — nem de panorama, atitudes de que, nos tempos que correm, logo convem criticamente desconfiar... Sete artistas tão sete artistas como podiam ser oito ou dez (dizamos oito, para lamentar a falta de Cicero Dias...) e mais não pedem do que a atenção do espectador — tal como outros dois, Flexor e Pedroso d'Horta que, em datas proximas, exporam individualmente em duas galerias diferentes.

De Krajcberg já eu falei longamente nestas colunas e os três quadros por ele apresentados na [illegible] não lhe alteram a [illegible] original. A importancia da sua criação não é mais preciso sublinhá-la: forma de "antipintura", expressão profunda dum sentido dinamico da natureza a obra de Krajcberg ocupa já uma posição assás importante na mais significativa arte contemporanea. Não somente ela põe problemas novos à estetica atual, como também adquire valores novos na medida em que toma consciencia das possibilidades do seu desenvolvimento interno. Krajcberg chegou a uma qualidade de realização perfeitamente equilibrada. Com a sua pintura em relevo, especie de "mascara" da realidade, obtida por calque sôbre baixos-relevos de gesso ou sôbre pedras incluidas na natureza, ele encontrou uma "maneira", para além da qual assomam os perigos do virtuosismo, sim, mas que é defendida por este saber que o pintor tem, do até onde pode ir... A admiravel linguagem plastica que ele inventou (esta doçura tactil, estas extensões oniricas, campos maravilhosos dum planeta mais verdadeiro do que natural) organiza-se com uma firmeza sutil que esconde a sua ciencia, que nunca cede às facilidades do processo — e nela sente-se sempre o amor da natureza à qual Krajcberg ousa pedir, como relignias, o barro vermelho, a areia de ouro, a poeira prateada...

Da natureza também algo de essencial extrai a pintura de Flavio Shiro. Entre o Japão em que o pintor nasceu e a floresta amazonica em que passou a infancia, estabeleceram-se ligações misteriosas que comandam a sua pintura; uma violencia antiga encontra eco na propria violencia da natureza desencadeada e a caligrafia passa do exercicio da sageza à expressão apaixonada dos furores feiticistas, através de uma quase-figuração de monstros vegetais e animais, ou humanos até. O dinamismo é a propria marca da pintura de Shiro: ela define a sua criação e o "gesto" que a pintura contemporanea impôs como valor ao mesmo tempo estetico e ontologico, nela encontra um sentido. Ou dois sentidos, que só aparentemente se contrariam. Dum lado, há a expansão, de outro, a definição das formas: não formas que explodem mas formas que surgem depois da explosão ou que a provocam. Jovem "peintre en colere", Flavio Shiro, dentro dos quadros dum expressionismo atual, triunfa das armadilhas da "nova figuração" por força desta permanente ligação à natureza que nos aparece finalmente traduzida ao nivel dos simbolos, através dum inventario de formas em que assomam ramadas, raizes, lianas — e monstros outra vez.

Piza expôs os seus "mosaicos" cujo interesse a critica parisiense ha muito apreciou. Os pequenos quadriláteros de cartão, cuidados numa superficie, reinventam uma tecnica milenaria na medida em que abalam a sua serenidade. E' como se os mosaicos de outrora começassem a proliferar perigosamente: celulas inchadas, atrofiadas outras, os quadradinhos procuram-se e escondem-se, atraem-se e repelem-se, reencontram-se em plena luz e fogem na obscuridade... O seu valor primacial reside no ritmo que anima e ordena os movimentos, ondulatorios, irradiantes, simulando curvas esfericas; cada forma assim criada é depois precisamente colorida, com cores transparentes que lhe acrescentam uma delicada qualidade de fascinação. Arte sutil e inteligente, a arte de Artur Piza define-se entre a pintura e a colagem, mas ela deve muito também às sugestões da gravura que o artista domina com recursos tecnicos sobejamente conhecidos.

Os quatro escultores convidados para a exposição esgotaram, creio eu, o numero dos brasileiros que trabalham esta arte em Paris. Sonia Ebling (já representada no salão da Jovem Escultura) apresentou formas armilares construidas em fino cimento e tratadas de maneira expressiva; Luisa Miller (conhecida de outras exposições coletivas), obras em que desenvolve com notavel elegancia formas polidas animadas por um "élan" sensivel; Liouba peças sugestivas, no tratamento brutal da materia. Da obra de Sergio de Camargo (depois premiada na Bienal de Paris) dei conta pela primeira vez e (escrevendo para estas colunas), na exposição dos Latino-Americanos de Paris, o verão passado. Ela traduz pesquisas rigorosas e metodicas a que é recusada qualquer definição esquematica: a fineza do trabalho em que os pormenores podem ficar reduzidos à escala da rugosidade ou da agulha mais quebradiça, comanda disciplinadas sutis cujas continuas variações trazem consigo novos enriquecimentos. Camargo aproxima-se do real de uma maneira ironica, através dum jogo em que a natureza inspiradora é, ao mesmo tempo, simulada e agredida, até aos limites ambiguos do informal. Arte de dificil leitura, porque arredia a categorias estabelecidas (ou estabelecíveis), o baixo-relevo que principalmente a representava nesta exposição tinha um agudo poder poetico — e é também (ou sobretudo) por isso que eu me pronto a seguir com o maior interesse o seu desenvolvimento futuro.

Com a exposição individual de Flexor abordamos um caso bem curioso de regresso a Paris depois de tão longa estada no Brasil, ela que, em apenas alguns meses, o artista volta a ser um pintor "parisiense"... Conheci a pintura de Flexor em São Paulo e não posso fazer mais do que sublinhar a nova metamorfose que a sua "maneira" sofreu: uma metamorfose que deve ser definida ao nivel do gosto. O gosto "parisiense", marca, não de origem mas, digamos, de lim, penetrou imediatamente a pintura de Flexor, o seu jogo de formas e o seu sistema de colorido. O notavel "metier" do pintor permitiu-lhe absorver esta luz cinzenta em que as formas parecem perder-se para melhor afirmar o seu valor plastico, e em que uma especie de fluidos comanda as "passagens" subtis. Pintor de formas e de transparencias, Flexor atingiu uma intimidade sensorial na qual, de maneira assás paradoxal, descobrimos ao mesmo tempo atmosferas interiores e espaços siderais. Mas as formas que se encontram comprometem-se num movimento permanente de transformação, como nuvens num céu luminoso, ou como vagas ininterruptas de musica — e isso aresceuta o valor desta arte fazendo transmudar a sua qualidade lirica sob o gosto finamente adquirido.

Arnaldo Pedroso d'Horta, vindo expor a Paris, elevou a uma esnecie de "grande guignol" a visão da gravura brasileira que uma exposição coletiva oferecera aqui na temporada anterior. Este homem, tarde chegado às artes plasticas, trouxe consigo um sistema de formas muito pessoais, em a sua linguagem, a sua gramatica, as suas leis e as suas polemicas... E é logo um universo microscopico, de pequenos seres engenhosos, tomados à zoologia ou à entomologia, e animando numa dança sem descanço. Mas é para além disso, ou para além deles, que começa verdadeiramente a arte de Pedroso d'Horta, ultrapassando temas e figurações — quando não se reduz a um jogo de linhas, num minucioso e paciente caso de grafia, num trabalho de miniaturista que se interroga sem parar sôbre a necessidade de cada um pequeno traço, sôbre o valor ritmico duma sombra ou duma transparencia fingida. E' claro que Klee passou pela sua arte — mas não é o mesmo papel que esta vasta estoutra personagem que suponos reconhecer vem representar aqui, e o espaço em que elas agem, ocupado de outra sorte, não saiu de modo algum do sistema imaginativo de mestre suico. Tranquilo e amedrontador ao mesmo temno, ironico finalmente, o mundo de Pedroso d'Horta tende a organizar-se como um tecido organico que as suas notaveis silogravuras nos propõem — riquissimas de invenção, onde do imagens duma materia feerica e suntuosa em que a propria qualidade da madeira está presente através da simulação da madeira, com seus grafitti, suas raspagens, seus ferimentos profundos...

...As comparações são sempre dificeis e faceis em demasia: artistas brasileiros expondo vaziadamente numa temporada parisiense, estes novo pintores e escultores reunem-se por alguns lados (a presença da natureza no Krajcberg, no Shiro, no Camargo, no Pedroso d'Horta...) mas distinguem-se verdadeiramente por todos os outros. Documento, são-no sem duvida, da arte brasileira — mas com a condição de não nos esquecermos de que, em arte, os documentos não sempre mais "documentos-em-si-proprios" que "documentos-de"...

instituto de estudos brasileiros usp